



A ARTE DE VERSEJAR: UMA LINGUAGEM ALTERNATIVA QUE PROMOVE APRENDIZAGEM NAS AULAS DE HISTÓRIA.¹

Kalhil Gibran Melo de Lucena²

RESUMO

Ao margear-se o cenário atual da escola pública brasileira, tendo como foco os ensinamentos Fundamental e Médio, pode-se perceber que crianças, adolescentes e jovens estão cada vez mais desinteressados e entediados com o modelo de ensino que lhes é apresentado. Sabe-se que o ato de estudar ou de empenhar-se a aprender não é realmente fácil e nem sempre prazeroso. Qual deve, então, ser o papel da escola e dos professores diante de um mundo fora do universo escolar que oferece repletas atrações, principalmente tecnológicas? Será que o atual modelo de ensino vem fazendo sentido aos educandos, sendo capaz de atrair as suas atenções? O presente artigo se propõe a apresentar uma possibilidade de interação e diálogo com os alunos, através dos folhetos de cordel, buscando-se dinamizar os processos de ensino e de aprendizagem como alternativa para torná-lo mais agradável ao discente. Dentro dessa perspectiva, o cordel apresenta-se como uma linguagem relevante e como uma importante ferramenta pedagógica capaz de promover debates, questionamentos, despertar o imaginário e a reflexão nos educandos, assim como instigar a capacidade cognitiva deles.

Palavras-chave: Literatura de Cordel; Ensino de História; Ferramenta Pedagógica.

ABSTRACT

To lay on the scenario of the Brazilian public school, focusing on the primary and secondary education, one can see that children, adolescents and young people are increasingly disinterested and bored with the teaching model is presented to them. It is known that the act of study or a commitment to learning is not really easy and not always pleasant. What should then be the role of schools and teachers in front of a world outside the school environment that offers plenty of attractions, especially technology? Does the current model of teaching is making sense to the learners, being able to attract their attention? This article aims to provide an opportunity for interaction and dialogue with students, through brochures twine, seeking to streamline the processes of teaching and learning as an alternative to make it more enjoyable to students. Within this perspective, the line appears as a relevant language and as an important educational tool that promotes discussion, questions, awaken the imagination and reflection in students, as well as the cognitive ability to instigate them.

Keywords: Cordel Literature, Teaching History, Teaching Tool.

1. INTRODUÇÃO

¹ O presente artigo apresenta-se como produto da pesquisa **As Representações da República Velha na Cultura Popular e no Livro Didático**, financiada por uma bolsa PIBIC/FACEPE/CNPq, sob a orientação da professora doutora Maria Ângela de Faria Grillo.

² O primeiro autor é estudante de Graduação do Curso de Licenciatura em História da Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE, integrante do Grupo de Estudos em História Social e Cultural – GEHISC e do Grupo de Estudos sobre Ensino e Saberes Históricos - GRESH. E-mail: kakogibinha@yahoo.com.br.



A educação escolar pública brasileira, nos últimos anos, vem apresentando uma significativa estrutura em relação às melhorias para o corpo discente, como: fardamentos, alimentação, cadernos, livros, ajuda financeira de programas sociais do Governo Federal. Porém, a qualidade do ensino insiste em não melhorar na maioria dessas escolas do país, a preparação cognitiva dos alunos apresenta-se com problemas significativos.

O autor Neidson Rodrigues, em seu livro *Por Uma Nova Escola*³, levanta alguns questionamentos pertinentes para pensar-se a educação escolar, como: Por que a educação é importante? Quanto de educação escolar é necessário aos indivíduos hoje? O que espera a sociedade da escola? Contudo, é necessário refletir-se acerca dessas questões para que seja possível levantar-se possíveis soluções para o ensino escolar. E dentro dessa perspectiva, surge mais um relevante questionamento: Qual o grande desafio dos professores e da escola hoje?

Chaluh (2006) alerta-nos que: “O desafio da escola é de fazer progredir todos os alunos em um sistema educacional heterogêneo, dando a ele a possibilidade de aproveitamento máximo de seu potencial de aprendizagem”. Assim, observa-se que é de fundamental importância trabalhar as particularidades de cada aluno, além de ter a consciência que ele não é uma folha em branco ou uma tábua rasa, ao contrário, o educando possui uma pertinente bagagem de conhecimento e representação do mundo e da sociedade.

Fala-se bastante em linguagens e métodos que se apresentam como relevantes aliados ao processo de ensino-aprendizagem, mas será que todo esse discurso está saindo da teoria e vindo realmente para a prática de sala de aula do professor/professora? É óbvio que não se deve aceitar que os professores/professoras sejam culpabilizados por todas as mazelas da educação escolar, mas será que nós enquanto educadores estamos realmente abertos a considerar nossos alunos como sujeitos pensantes, com potencial de ir para além de aulas fabricadas de cópias do quadro e do livro didático?

Na área da História, por exemplo, é muito comum encontrarmos aulas para papagaios, ou seja, o professor treina os discentes na memorização de um determinado conteúdo e cobra sua repetição no momento da avaliação, assim, seja em perguntas abertas ou de múltipla escolha o aluno tem que saber o que foi imposto pelo docente enquanto conteúdo. Nessa perspectiva, não se valoriza o poder de criação, de crítica e de reflexão do educando. Afinal de contas, se a História é construída a partir do presente e para o presente, porque reproduzir-

³ Ver: RODRIGUES, Neidson. **Por uma nova escola: o transitório e o permanente na educação**. 2ª Edição. São Paulo: Cortez Editora, 1985, p. 53-69.



se o velho paradigma de se dar tudo pronto e acabado ao educando? Porque não deixar ele construir, junto ao professor/professora, a sua verdade histórica.

Dando mais um exemplo da área do ensino da História, quando nos debruçamos a analisar a História do Brasil dita oficial nos deparamos com uma história singular, que enaltece e destaca apenas os grandes feitos e os grandes personagens. Desse modo o que geralmente chega até nós é uma história pronta e acabada, produzida de cima para baixo, ou seja, imposta por uma elite brasileira econômica e intelectual. É óbvio que não há condições de detalhar um a um dos personagens de um fato histórico num livro didático, por exemplo, mas é necessário que os autores desses livros, assim como os professores e professoras, tenham a consciência de esclarecer e dar a possibilidade de reflexão ao aluno, de que a História é plural e inesgotável.

Concordo com o autor Hamilton Werneck⁴ quando ele diz que “boa parcela dos professores brasileiros finge que ensina enquanto os alunos fingem que aprendem”, e dessa forma a educação escolar do Brasil fica refém de aprendizagens forjadas e de baixo nível de aproveitamento cognitivo. Diante desse contexto, é necessário que os educadores busquem alternativas que dinamizem e impulsionem o aproveitamento do saber do aluno na escola, e entre as variadas alternativas destaco a arte de versejar, ou seja, a literatura de cordel. Assim, vale à pena destacar que os folhetos têm o poder de envolver através de sua escrita musicalizada, e além disso possui alguns requisitos interessantes para fomentar o processo de ensino-aprendizagem, de modo a valorizar o aluno enquanto sujeito ativo e pensante nesse processo.

2. A HISTÓRIA DA LITERATURA DE CORDEL E A SUA IMPORTÂNCIA ENQUANTO LINGUAGEM ALTERNATIVA AO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM

Rima, musicalidade, gracejo, liberdade de pensamento e de expressão, essas são algumas das particularidades dos folhetos de cordel. Eles se configuram como instrumentos importantes de representação, tanto da realidade cotidiana dos brasileiros quanto do imaginário popular. A riqueza cultural e a prática da produção do cordel chegaram ao Brasil a partir da influência européia, mais especificamente Portugal.

⁴ Ver: WERNECK, Hamilton. **Se você finge que ensina, eu finjo que aprendo**. 4ª edição. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1993.



De origem Árabe e tradição oral, difundida pela Europa por poemas de improvisos recitados por menestréis e trovadores na Idade Média, a literatura de cordel ganhou grande impulso a partir da criação da imprensa no século XVI, e dessa forma possui uma dupla natureza: falada e escrita.

Dentro desse contexto vale à pena relatar um pouco acerca da trajetória histórica da literatura de cordel na Europa. Na França, por exemplo, eles receberam a denominação de *littérature de colportage*, porque os livretos eram geralmente comercializados pelos *colporteurs*, vendedores ambulantes que negociavam com mercadorias penduradas em seus corpos e entre essas mercadorias a *littérature de colportage*. Os folhetos de cordéis franceses eram produzidos em papel de baixo custo, ou seja, do mesmo tipo de papel que se embrulhava o açúcar, que no século XVII era comercializado em cones, e suas capas eram impressas em tinta azul, daí o conjunto dessas obras serem conhecidos entre os franceses como *Bibliothèque Bleue*.

Outro núcleo europeu relevante foi a Espanha, onde o cordel ficou conhecido como *pliegos sueltos* e teve seu período áureo no século XVIII, os folhetos eram impressos em folha de papel de baixíssima qualidade e cada folha era dobrada duas vezes, assim os folhetos espanhóis eram comercializados em forma de pequenas brochuras. A literatura de cordel na Espanha apresentava temáticas diversas, como: histórias de aventureiros, de heróis, de bandidos, romances de cavalaria, *pliegos* biográficos e religiosos. Os *pliegos sueltos* apresentaram-se como um produto bastante rentável, digno de importante destaque nos centros comerciais espanhóis.

Já em Portugal, além das mesmas características peculiares de França e de Espanha no sentido de serem edições produzidas a baixo custo, os folhetos de cordéis eram chamados de *folhas volantes*, porém recebiam também outras denominações, como: literatura de cegos e literatura de cordel. Em 1789, o rei de Portugal Dom João V promulgou uma lei permitindo que a Irmandade do Menino Jesus dos Homens Cegos de Lisboa pudessem também negociar com os folhetos, assim esse tipo de literatura foi bastante divulgada e comercializada por cegos, daí a denominação de literatura de cegos. Corolariamente, a denominação literatura de cordel se deu por conta da forma como esses livretos eram expostos para venda, ou seja, pendurados em barbantes ou cordões.⁵

⁵ GRILLO, Maria Ângela de Faria. **A Arte do Povo: Histórias na Literatura de Cordel (1900-1940)**. Niterói, RJ: Tese de Doutorado - UFF, 2005, p. 28-41.



A partir de alguns versos do folheto *A Didática do Cordel*⁶ é possível também compreender-se um pouco da trajetória histórica da literatura de cordel:

Não se sabe exatamente
O cordel de onde veio
Alguns afirmam que os mouros
Lhe serviram de correio
Até a Península Ibérica
E de lá pra nosso meio.

Pois lá na Península Ibérica
Cordão se chama cordel
Onde eram penduradas
As folhinhas de papel
Nascendo daí o nome
Desta cultura fiel

O cordel viajou sempre
Nessa marcha cultural
Conduzindo a influência
Da cultura oriental
Embora o seu nome seja
De origem provençal

Menestréis da Idade Média
Narravam grandes contendas
Entre príncipes e dragões
Muitas batalhas horrendas
E contos lá das Arábias
Traçados de velhas lendas

O cordel sempre cresceu
Numa dimensão tamanha
Espalhou-se pela França
Em Portugal e Espanha
A existência dos fatos
Lhe servindo de campanha

Partindo-se agora para uma análise do folheto de cordel brasileiro se faz importante destacar que ele apresenta-se, em sua grande maioria, como um livro pequeno (tendo geralmente 16 cm X 10 cm) e bem fino (a maioria possuindo 8, 16 ou 36 páginas), sendo difundido por vendedores ambulantes.

O Nordeste do Brasil é o grande berço dos poetas de cordel, e diante desse contexto do fascinante universo do folheto popular vários nomes destacaram-se, tanto para a escrita dos

⁶ **A Didática do Cordel** – Autores: Zé Maria de Fortaleza, Arievaldo Viana e Klévisson Viana. Folheto consultado a partir do site <http://www.cnfcp.gov.br/> - Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular/FUNARTE/Ministério da Cultura – Acervo digital/Cordelteca/Biblioteca Amadeu Amaral - RJ.



versos quanto para a xilogravura⁷, tais como: Leandro Gomes de Barros, Francisco das Chagas Batista, João Martins de Athayde, Silvino Pirauá de Lima, José Costa Leite, José Soares da Silva (Dila) e José Francisco Borges (J. Borges).

Uma característica bem própria do cordel fica por conta de suas capas onde geralmente aparecem desenhos populares, xilogravuras, reproduções de cartões-postais antigos, fotografias de poetas, familiares e artistas de cinema, ou ainda fotos mostrando cenas de filmes. Conforme nos afirma Liêdo Maranhão (1981), na ilustração de capas dos folhetos, a xilogravura findou sendo a mais adotada, tendo início a partir dos anos 1920, tornou-se uma marca registrada da cultura nordestina. É importante destacar que o xilógrafo popular tem a habilidade de demonstrar nas suas obras cenas do cotidiano dos sertanejos e cangaceiros, o imaginário religioso dos populares, representações diversas de um Brasil esculpido em madeira.

No Brasil o cordel atinge seu auge entre a década de 1930 e a década de 1960, porém ele foi bastante rejeitado e discriminado durante o final do século XIX e início do século XX pelos folcloristas, que não reconheciam o cordel como uma genuína literatura popular brasileira. Eles argumentavam que o cordel idealizado e produzido no Nordeste brasileiro, além de ter suas bases firmadas na oralidade, caracterizava-se por uma origem portuguesa, sendo assim, para esses folcloristas a literatura de cordel não era um produto que representava a legítima cultura brasileira. Entrementes, somente durante as décadas de 1960 e 1970 é que a literatura de cordel ganha reconhecimento entre a intelectualidade brasileira, ou seja, no meio acadêmico.⁸

A professora e pesquisadora Maria Ângela de Faria Grillo nos diz que as marcas de oralidade na literatura de cordel no contexto brasileiro tiveram o seu lado positivo, pois serviram como uma poderosa ferramenta que conseguiu ser mediadora entre as pessoas que não sabiam ler ou escrever ao processo de alfabetização.

Os cordéis eram lidos pelo folheteiro nas feiras e, posteriormente, em saraus e reuniões coletivas, onde ocorriam as narrações de contos e as cantorias. A

⁷ Segundo Liêdo Maranhão as xilogravuras são ilustrações populares, elas apresentam-se como a arte das gravuras talhadas em madeira – pequenos pedaços de casca de cajá, imburana, pau-pombo, pereiro e nigar-porco, cortados de canivete, goiva, buril, formão, gilete ou de ponta de faca. Quem pratica essa arte geralmente é um modesto anônimo gravador, um ilustrador gráfico das criações poéticas. O poeta de cordel inventa qualquer coisa relacionada com o fato que escreveu e pede ao compadre gravador que faça um serviço caprichado, por conta da amizade, com a promessa de um cento do livro, para o amigo vender na feira. E assim, nasce o artista, um homem pobre e semi-analfabeto. Ver: SOUZA, Liêdo Maranhão de. **O folheto popular: sua capa e seus ilustradores**. Recife: Editora Massangana/ FUNDAJ, 1981.

⁸ Ver: GRILLO, Maria Ângela de Faria. *Da cantoria ao cordel: o reconhecimento entre os intelectuais*. In: **A Arte do Povo: Histórias na Literatura de Cordel (1900-1940)**. Niterói, RJ: Tese de Doutorado - UFF, 2005, p. 105-139.



memorização desses poemas era facilitada pela própria estrutura narrativa e formal dos poemas, e, por isso, considerada, pelos leitores/ouvintes, como um processo de apropriação da leitura. (GRILLO, 2005, p. 8).

Entrementes, diante desse contexto de importância dos folhetos enquanto uma linguagem que fomenta o processo de ensino-aprendizagem, pode-se afirmar que nas últimas décadas o que se observa é que a literatura de cordel no Brasil vem passando por um momento de resignificações, nesse ínterim, o seu uso em sala de aula, como linguagem alternativa para o ensino de história, é mais uma faceta assumida com muita propriedade pelos folhetos. Assim, sobre essa questão Hélder Pinheiro e Ana Cristina Marinho Lúcio alerta-nos que:

Na sala de aula, é importante que o professor tenha sempre a preocupação em não transformar o folheto em mero relato jornalístico. O que interessa é perceber como o poeta se posiciona diante da história, tendo sempre em vista o caráter ficcional desta produção. (...) Lampião, assim como outros personagens da história do Brasil (Getúlio Vargas, Padre Cícero, Tancredo Neves, Antônio Conselheiro), desfila pelas páginas dos folhetos, assumindo ora a posição de herói, escolhido para resolver as questões sociais, ora a posição de homem comum, com suas fraquezas e incertezas. Resta-nos ler com atenção as histórias que estes personagens inspiraram e, despertar nos jovens, o interesse em saber um pouco mais sobre a nossa cultura, sobre a nossa história. (PINHEIRO; LÚCIO, 2001, p. 69 e 77).

Corolariamente, observa-se que os folhetos têm a particularidade de trazer para o universo escolar uma maneira diferente de ler e ouvir, ou seja, uma proposta de ensino-aprendizagem que possibilita-nos transitar pela História e pelo mundo do conhecimento em geral, atravessando os obstáculos de um ensino tradicional. Dentro dessa perspectiva, Jotacê Freitas⁹ com muita habilidade afirma que “por tratar-se de uma narrativa envolvendo situações do cotidiano ou do imaginário popular com uma linguagem e vocabulário simples, utilizando rimas rítmicas, o Cordel atrai os jovens leitores (...). A Literatura de Cordel traz em seu interior toda uma musicalidade e informações carregadas de conhecimento e de uma visão crítico social.” Nesse ínterim, é necessário considerar-se o cordel também como uma opção de documento histórico e conscientizar os educandos que é possível promoverem-se um cotejo entre os folhetos e as versões oficiais da História, como o livro didático, por exemplo. Contudo, Maria Ângela de Faria Grillo elucida que:

(...) O poeta de cordel não trata apenas de descrever a realidade de maneira artística e satisfatória; ele tem, ao mesmo tempo, que fornecer informações frescas e agradar. Os folhetos tornam públicos acontecimentos sensacionais,

⁹ FREITAS, Jotacê. **Cordel Pedagógico – Oficina de Cordel**. Arquivo extraído do site: <http://www.portaldocordel.com.br/downloads.html> - Acessado em 04/02/2011.



traduzem as notícias da imprensa da capital para a linguagem do habitante do sertão, e as interpretam como o público gostaria de ouvi-las, mudando-as muitas vezes e dando-lhes novas funções e significados. (...) Devemos analisar os fatos históricos não somente a partir das versões oficiais, da fala dos políticos e jornais tendenciosos, mas também através das representações dadas pelos poetas de cordel, através dos folhetos, que mostram outras visões de momentos históricos vivenciados e testemunhados por eles. (GRILLO, 2003, p. 118 e 119).

Levando em consideração que o ensino de História, assim como das outras áreas do conhecimento, precisa ser construído em sala de aula, o cordel tem a possibilidade de ser usado como ferramenta pedagógica no sentido de desenvolver no aluno o exercício da reflexão, da criatividade e da criticidade. Os folhetos podem auxiliar o sujeito a organizar seu pensamento, analisar, justificar suas respostas e expressar-se, promovendo a independência, a autonomia e a cooperação no mesmo, dessa forma se faz necessário aproveitar-se das várias facetas do Cordel, dentro do ambiente escolar:

Encontramos na Literatura de Cordel uma variedade de temas, situações humanas, tragédias, comédias, casos inusitados e relatos históricos, imaginários e tantas coisas mais. Essa riqueza de abordagens assume tons diferenciados, visões de mundos às vezes conflitantes, ideologias diversas. Essa diversidade pode ser aproveitada para instigar debates e discussões. Qualquer que seja o método de abordagem do educador, o debate em algum momento deverá ser sempre privilegiado (...), conscientizando o aluno de seu papel de herdeiro da cultura de seu povo e de agente transformador dessa cultura. (PINHEIRO; LÚCIO, 2001, p. 85).

Entretanto, o professor precisa despertar no aluno o gosto e o prazer da construção do conhecimento, considerando as particularidades (virtudes, defeitos e dificuldades) desse discente. Os docentes precisam usar as diversas opções de linguagens possíveis para levar o aluno a aprender. Ir para além dos livros didáticos das matérias escolares torna-se uma opção para que se obtenha dos alunos um novo posicionamento na construção do saber escolar, e assim, eles poderão despertar para novas visões de mundo. Todavia, vale à pena destacar que não corroboro com a ideia de extermínio dos livros didáticos, mas que possamos, enquanto professores, trazer linguagens que contribuam para alavancar o ensino e auxiliar os didáticos.

Nesse sentido, estudar através da produção da cultura popular é estar aberto a todas as possibilidades, desvencilhar-se dos conceitos e preconceitos, privilegiando códigos e significados simbólicos partilhados entre sujeitos sociais de um mesmo espaço geográfico e de um mesmo tempo histórico.

O cordel, que através da narrativa registra os acontecimentos de um dado período e de um dado lugar, se transforma em memória, documento e registro da história. Tais acontecimentos recordados e reportados pelo



cordelista, que além de autor é conselheiro do povo e historiador popular, dão origem a uma crônica de sua época (GRILLO, 2008, p.1-3).

Em suma, torna-se de fundamental importância considerar o poder de criação e de interpretação dos alunos, pois eles precisam descobrir um ensino em que eles sejam sujeitos ativos, para que possam trazer em suas memórias o prazer e a confiança pela a aprendizagem. E para isso a imagem, a poesia, o cordel, o teatro, o RPG, a música, são alguns exemplos de linguagens, que ao serem usadas pelos docentes, permitirão um diálogo muito construtivo e proveitoso com os educandos, tratando-se a educação escolar com leveza.

3. O MUSEU EM CORDEL: O RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA DE APRENDIZAGEM NO MUSEU DA CIDADE DO RECIFE.

Os museus são espaços de educação não formais que oferecem meios para aprendizagens, reflexão e interação social. Neste sentido, realizamos de março a setembro de 2009, no Museu da Cidade do Recife, um projeto que teve como público alvo alunos do Ensino Fundamental e Médio, da rede pública e particular a fim de inseri-los no universo museal, objetivando estimular a interação e a criatividade, bem como fazê-los compreender a história do Recife através da linguagem popular do cordel. Tal projeto denominou-se *O Recife em Cordel*, onde se apoiava na literatura de cordel para fomentar o processo de ensino-aprendizagem. Os resultados foram pertinentes, porque os alunos entraram em contato com história, literatura e musicalidade, a partir da arte de versejar, e isso a partir de uma dialogicidade. Nesse ínterim, o Museu da Cidade do Recife objetivou maximizar a compreensão de cultura, patrimônio e memória.

Caimi (2006) nos diz que levar em conta o universo da criança ou do adolescente não é, pois, abdicar do rigor intelectual ou do valor do conhecimento, mas garantir que a apropriação deste conhecimento ocorra permeada de sentido e significação, resultando em sólidas aprendizagens. Diante desse contexto o projeto **O Recife em Cordel** se propôs a trabalhar numa perspectiva dialógica, em que os educandos e o público em geral, do Museu da Cidade do Recife, tivessem espaço para construir conhecimento.

Vale à pena destacar que o diálogo entre educador e educando precisa ser formulado por perguntas abertas no sentido de ampliar as funções cognitivas do discente. O método da reflexão tem um dinamismo capaz de motivar no aluno novas ampliações de explicações e novas idéias. Ao mediar a elaboração do diálogo com o estudante, o mediador de museu e/ou os educadores em geral, poderão perceber as diferenças entre a turma, que por sinal é

heterogênea. Assim, não é interessante trabalhar considerando os saberes dos alunos como algo unificado, porque isso inibe as aptidões, as capacidades, as motivações e as disposições que são plurais. Nesse sentido, a professora e pesquisadora Ana Maria Pereira adverte-nos que:

Ensinar significa impregnar de sentido a prática pedagógica cotidiana, na perspectiva de uma escola-cidadã. Vale dizer, que a escola é reprodutora, na medida em que trabalha com determinados conhecimentos produzidos e acumulados pelo mundo científico, mas transformadora, visto que promove uma apropriação crítica desse mesmo conhecimento tendo em vista a melhoria da qualidade de vida da sociedade global (PEREIRA, 2011, p.1).

Nesse ínterim, é de fundamental importância considerar o poder de criação e de interpretação dos alunos e do público dos museus, pois eles precisam descobrir-se num processo de ensino-aprendizagem em que sejam sujeitos ativos, para que possam trazer em suas memórias o prazer e a confiança pelos saberes em geral; e para isso os educadores precisam desenvolver um diálogo proveitoso e eficiente com os educandos. Afinal de contas, é importante questionar-se: o que, afinal, temos produzido como educadores? Para onde caminham nosso pensar e nosso atuar diante das exigências educacionais oriundas da diversidade e complexidade dos alunos que compõem o ambiente dos museus, ou até mesmo a sala de aula? É óbvio que a intenção aqui não é a de trazermos respostas prontas e acabadas para todas as deficiências do processo de ensino-aprendizagem da educação escolar brasileira, mas que essas indagações sirvam para aguçar algumas reflexões enquanto profissionais do ensino.

Entrementes, procuramos fugir das tradicionais leituras de legendas/textos das exposições museais, bem como das recorrentes maneiras enfadonhas de se desenvolver as visitas nos museus. Neste sentido, percebemos que os folhetos de cordéis se apresentam como uma linguagem mais envolvente e que possibilita um diálogo pertinente com o público em geral. A diversidade do cordel pode ser aproveitada para instigar debates, discussões e promover a interação entre educador e educando.

Sendo assim, metodologicamente, o projeto **O Recife em Cordel** propunha unir entretenimento e aprendizagem, maximizado por um processo agradável e divertido. A exposição permanente do Museu da Cidade do Recife estava dividida em quatro séculos (do século XVII ao XX), onde os alunos tinham a oportunidade de viajar dentro de quatrocentos anos, pela História da cidade do Recife, margeando a memória local bem como a individual. Todavia, tal viagem não se fazia através de uma visita monitorada tradicional, mas objetivava



buscar uma dinâmica de construção do conhecimento, alicerçada na linguagem dos folhetos de Cordel, assim como do teatro.

Desse modo, a história local era contada tanto pelo acervo permanente da exposição intitulada **Recife de Muitos**, quanto pelo Cordel intitulado **A Linda História do Nosso Recife**, lido e interpretado durante a visitação de forma teatralizada. É importante ressaltar que a encenação teatral, com figurino específico para cada ambiente do museu, era mais um elemento artístico unido ao Cordel, que facilitava a compreensão da história contada pelo acervo. Enquanto um monitor explicava a exposição, outro declamava o Cordel com interpretações que divertiam e aguçavam a imaginação dos estudantes e do público em geral.

A presente atividade lúdica exercida dentro do ambiente do museu rompeu com velhos paradigmas, como por exemplo, o de achar-se que quem visita um museu precisa ficar com as mãos para traz, sem falar, sem sorrir, podendo apenas ouvir o que lhe for regurgitado pelos monitores da exposição. Contudo, não estamos aqui propondo uma receita única, singular. E nem tão pouco queremos pregar que o educador de museu ou do universo escolar precise ter obrigatoriamente alguma habilidade excepcional. O que se objetiva apenas é mostrar que é possível desbravar outras possibilidades no sentido de atingir-se bons resultados ao processo de ensino-aprendizagem.

Neste sentido, atividades lúdicas, como essas exercidas no Museu da Cidade do Recife através do projeto **O Recife em Cordel** une-se ao próprio Museu, ou seja, ao próprio acervo, como se um completasse o outro, ou melhor, como se o cordel fosse uma extensão da exposição e vice-versa. Consequentemente, é preciso ter em mente que muitas vezes dizemos ter ensinado algo quando, na realidade, apenas falamos sobre o assunto, mas o ensino não consiste simplesmente em proferir discursos. E o projeto **O Recife em Cordel** é um exemplo pertinente que o educando tem condições de assimilar muito mais cognitivamente a partir do uso de linguagens alternativas do ensino do que simplesmente pelo discurso, ou seja, o conteúdo pelo conteúdo.

É muito fácil e conveniente dizer que o aluno não compreendeu o que foi explicado; que ensinamos, mas não entrou na cabeça do aluno, como se o problema fosse sempre do educando. Muitos profissionais do ensino acreditam ser um bom educador mesmo percebendo que o aluno não compreendeu os assuntos abordados. Esquece-se que a função do professor é a de buscar construir o conhecimento juntamente com seu aluno, apresentando ao educando o caminho do aprender e do pensar. Compreende-se, portanto, que a aprendizagem não precisa ser um processo doloroso, e que o conhecimento do aluno não equivale ao conhecimento de



livros. Os educandos têm o seu próprio modo de pensar, e assim, suas idéias são representações mentais.

Pode-se concluir que a execução do projeto **O Recife em Cordel** foi uma experiência altamente produtiva e satisfatória, isso porque, tivemos a oportunidade de fazer importantes trocas cognitivas com diversos educadores e educandos da Região Metropolitana do Recife, e também de leituras que aumentaram consideravelmente o nosso nível de conhecimento, a partir de diálogos com diferentes autores. Além de tudo, o presente projeto confirma o folheto de cordel como uma pertinente linguagem ao ensino.

Em suma, é de fundamental importância deixar claro que as discussões e problematizações aqui elucidadas não se propõem a esgotar as possibilidades de diálogos acerca do assunto em questão. Contudo, deseja-se sair da teoria enclausurada no meio acadêmico para a prática expandida ao externo, onde o processo de ensino-aprendizagem se faz, ou deveria se fazer, inerente às particularidades de cada aluno, enquanto sujeito pensante que constrói seu saber.

4. CONCLUSÕES

A proposta desse artigo é a de colaborar um pouco com a propagação do uso dos folhetos de cordel nas aulas de história e/ou de outras matérias escolares, não como uma proposta de morte do livro didático em favor da literatura de cordel, mas como uma linguagem lúdica que tem muito que oferecer a alunos e professores, no processo de ensino-aprendizagem, pois permitem um diálogo muito construtivo e proveitoso em sala de aula, apresentando uma proposta de ensino escolar bem significativa.

A partir de inúmeras possibilidades de se transitar na História, da interdisciplinaridade e da diversificação dos documentos, esse artigo se apóia na corrente historiográfica da Nova História Cultural. A mesma prega que a narrativa faz da História motivo de representação e tema de reescrita, valorizando o seu poder de sedução. A natureza e a legitimidade do conhecimento histórico, então, podem ser questionadas por uma rica fonte de pesquisa histórica, os folhetos de Cordel. Que se revela organizador da História, através da ficção e do humor, refletindo sobre o próprio desenvolvimento da narrativa.

Em suma, gostaria de deixar claro que as problematizações e discussões contidas no presente artigo não colocam um ponto final nos diálogos sobre o contexto que envolve o



processo de ensino-aprendizagem na educação escolar brasileira, todavia o objetivo principal é o de buscar contribuir um pouco mais para uma reflexão e entendimento acerca do assunto.

5. REFERÊNCIAS

BITTENCOURT, Circe (org.). **O saber histórico na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2008.

BURKE, Peter. **O que é História Cultural?** Tradução de Sérgio Goes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

CAIMI, Flávia Heloisa. **Porque os alunos (não) aprendem história? Reflexões sobre ensino, aprendizagem e formação de professores de História**. Niterói, RJ: Tempo, volume 11, 2006.

CHALUH, Laura Noemi. **Educação e Diversidade – Um Projeto Pedagógico na Escola**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2006.

CHARTIER, Roger. **Os Desafios da Escrita**. Tradução de Fulvia L. M. Moretto. São Paulo: UNESP, 2002.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Tradução de Maria Manuela Galhardo. Lisboa: DIFEL, 1990.

GRILLO, Maria Ângela de Faria. **A Arte do Povo: Histórias na Literatura de Cordel (1900-1940)**. Niterói, RJ: Tese de Doutorado - UFF, 2005.

GRILLO, Maria Ângela de Faria. *A literatura de cordel na sala de aula*. In: ABREU, Martha & SOIHET, Rachel (orgs.). **Ensino de história: conceitos, temáticas e metodologia**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

GRILLO, Maria Ângela de Faria. **A literatura de cordel e o ensino da história**. Universidade do Porto, Portugal: Artigo publicado no VII Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação, 2008.

FONSECA, Selva Guimarães. **Didática e Prática de Ensino de História: experiências, reflexões e aprendizados**. Campinas, SP: Papirus, 2003.

FREITAS, Jotacê. **Cordel Pedagógico – Oficina de Cordel**. Arquivo extraído do site: <http://www.portaldocordel.com.br/downloads.html> - Acessado em 04/02/2011.

NEMER, Sylvia Regina Bastos. **O Folheto Popular e as Revistas Ilustradas: os circuitos de comunicação cidade/sertão na virada do século XIX para o século XX**. *Fênix - Revista de História e Estudos Culturais*, Vol. 4, nº 4, p.1-11, 2007. Disponível em: www.revistafenix.pro.br – Acessado em 04/02/2011.

PEREIRA, Ana Maria. **O ensino da História como responsabilidade social**. *Coluna do Site UOL – Educação*. Artigo disponível em endereço eletrônico:

http://www2.uol.com.br/aprendiz/n_colunas/coluna_livre/id130202.htm - Acessado em 14/01/2011.

PINHEIRO, Hélder; LÚCIO, Ana Cristina Marinho. **Cordel na sala de aula**. São Paulo: Editora - Livraria Duas Cidades, 2001.

RODRIGUES, Neidson. **Por uma nova escola: o transitório e o permanente na educação**. 2ª Edição. São Paulo: Cortez Editora, 1985.



SANTOS, Salvadora Passos de Araújo. **Oficina de Eco-Leitura: II Encontro Temático Meio Ambiente e Educação Ambiental**. Paraíba, 2002.

SEAL, André. **A (re)invenção do saber histórico escolar: apropriação das narrativas históricas escolares pela prática pedagógica dos professores de História**. Recife, PE: Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPE, 2005.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Livro didático: do ritual de passagem à ultrapassagem**. *Em Aberto* – INEP – *Revista do Ministério da Educação*, Vol. 16, nº 69, p.11-15, 1996. Disponível em: <http://emaberto.inep.gov.br/index.php/emaberto/article/viewFile/1034/936>.

WERNECK, Hamilton. **Se você finge que ensina, eu finjo que aprendo**. 4ª edição. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1993.

FOLHETOS DE CORDEL CONSULTADOS:

Gonçalo Ferreira da Silva - **Antônio Conselheiro – África de um sertanejo místico** (s/d). Consultado a partir do acervo da Fundação Casa de Rui Barbosa (<http://www.casaruibarbosa.gov.br/>).

João Martins de Athayde - **Ai se o passado voltasse** (1942). Consultado a partir do acervo do Arquivo Público Estadual – Pernambuco.

João Martins de Athayde – **A Chegada de Lampião no Inferno** (s/d). Consultado a partir do acervo digital da Fundação Casa de Rui Barbosa (<http://www.casaruibarbosa.gov.br/>).

João Martins de Athayde – **A entrada do padre Cícero Romão no Céu visto por uma donzela de 13 anos** (s/d). Consultado a partir do acervo digital da Fundação Casa de Rui Barbosa (<http://www.casaruibarbosa.gov.br/>).

Kalhil Gibran Melo de Lucena – **O corno professor de História e as correntes historiográficas** (2008) – produção independente (acervo pessoal).

Kalhil Gibran Melo de Lucena – **A linda história do nosso Recife** (2009) – produção independente (acervo pessoal).

Zé Maria de Fortaleza, Arievaldo Viana e Klévisson Viana - **A Didática do Cordel** (s/d). Consultado a partir do acervo do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular/FUNARTE/Ministério da Cultura – Acervo digital/Cordelteca/Biblioteca Amadeu Amaral – RJ (<http://www.cnfcp.gov.br/>).